

Fiat e Ford sobem juros do financiamento de carros

Consumo segue em marcha lenta no segundo dia do novo câmbio. Setores admitem que repasse aos preços será relativo

• SÃO PAULO e RIO. Comprar carro financiado ficou mais caro ontem, dependendo da marca ou da concessionária escolhida. Os bancos Fiat e Ford anunciaram ontem aumento nos juros. A partir de hoje, as taxas do Banco Fiat passam de um intervalo entre 2,99% e 3,22%, para uma faixa que vai de 3,59% a 3,79%. A taxa promocional para os modelos mil, com 45% de entrada, será de 2,39%. A menor taxa do banco Ford saiu de 3,19%, para 3,8% e a maior subiu de 3,25%, para 3,9%. O banco alterou também as entradas mínimas de 20% para 30% nos prazos até 24 meses e de 30% para 50% nos financiamentos de 36 meses.

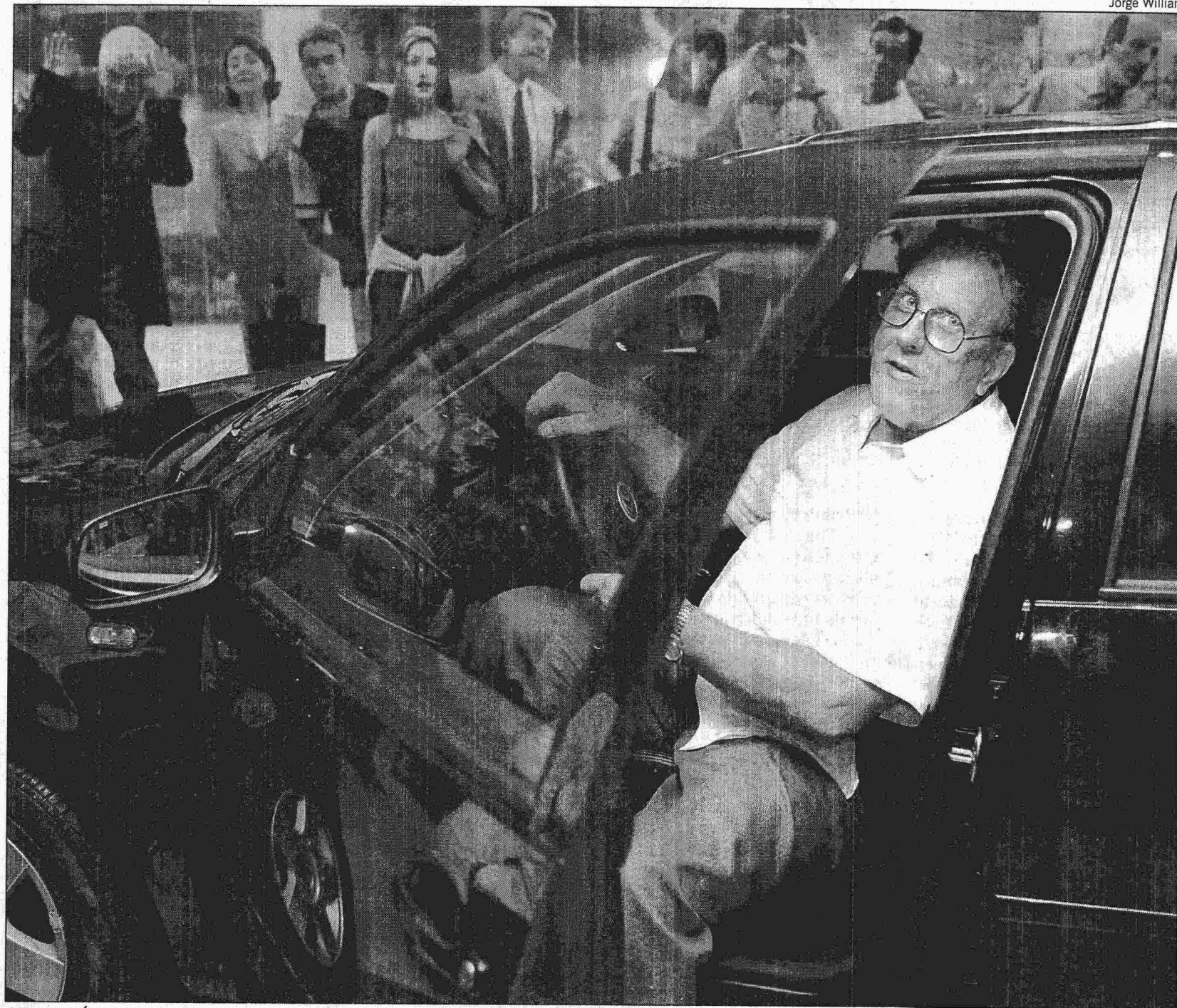
O mercado de financiamento de automóveis foi confuso ontem. Vários bancos e financeiras suspenderam as operações por causa do nervosismo vivido pelo mercado de juros. Outros mantiveram as condições normais e viram suas vendas aumentar. As oscilações do juro afetam o custo de captação e aumentam o risco do crédito.

Juros altos e informações confusas esfriaram vendas

Com isto, os vendedores tiveram que se esforçar para atrair os clientes aos preços à vista em oferta, como o do Fiat Uno (duas portas) a R\$ 9.190 na Eurobarra. Entre as financeiras que deixaram de aceitar financiamentos estão a Bozzano Simonsen, ABN, Excel e Creditec. A concessionária Squadra, em Jacarepaguá, passou a operar com juros de 5%, desanimando os consumidores. O Fiat Mareia oferecido por R\$ 26.760 estava sendo negociado com sinal de R\$ 14 mil e 24 parcelas de R\$ 836. Ontem um cliente desistiu da compra ao saber que a prestação passara para R\$ 930.

As concessionárias da Volkswagen estão entre as poucas exceções e vão operar com a taxa promocional de 1,99% até domingo, garantida pelo banco da montadora. Esse juro menor é válido somente para os modelos Gol Special, Kombi e Saveiro. Com esse atrativo, a revendedora Tianá, em Vila Isabel, vendeu ontem quatro carros financiados em 24 meses.

Após fazer uma boa pesquisa, o aeroviário aposentado Cezar



Jorge William

O AEROVIÁRIO APOSENTADO Cezar Pereira levou um Golf por R\$ 31 mil na concessionária Tianá, no Rio: medo de que as indefinições trouxessem aumentos

Pereira concluiu que os preços voltaram a apresentar diferenças significativas e poderão subir ainda mais com a instabilidade do dólar. Diante do risco, ele correu ontem à Tianá e comprou à vista um Golf completo por R\$ 31 mil.

— Tinha o modelo 97 e gostei do seu desempenho. Com a economia tumultuada, o preço deve chegar a R\$ 35 mil, por isto acho que fiz uma boa compra — disse o aeroviário aposentado.

Mas a hora não é para compras, dizem os especialistas. Nos

últimos dois dias, os consumidores praticamente sumiram das lojas. O presidente da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), Carlos Stupp, acredita que o consumidor deverá se manter como um observador do mercado.

— A instabilidade no câmbio deve proporcionar uma retração no consumo. As pessoas estão inseguras e muito apreensivas. O receio prejudica principalmente as vendas de veículos e eletroeletrônicos, que dificilmente são pa-

gos à vista — comentou o presidente da CNDL.

Ontem, o presidente da Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica (Abinee), Benjamim Funari Neto, confirmou que as vendas ontem ficaram praticamente paralisadas. Para ele, isso é natural, já que nem mesmo os fabricantes conseguiram estabelecer quanto será o reajuste nos preços. O setor de eletroeletrônicos utiliza um grande número de componentes importados, que encareceram automaticamente

com a valorização do dólar frente ao real:

— A volatilidade do câmbio e a incerteza de nova desvalorização da moeda impediram aumento instantâneo. Eu mesmo só devo anunciar reajuste nos componentes de TV que fabrico segunda-feira, quando o mercado estiver mais calmo e eu tiver certeza de que não haverá mais mudanças.

Os laboratórios não deverão alterar imediatamente as tabelas, nem no caso dos remédios importados. O presidente da Associa-

O VOCABULÁRIO DA CRISE

• **REPASSE DE PREÇOS:** Todos os produtos que utilizam insumos importados terão aumento de custo com a desvalorização do real, mas nenhum fabricante se arrisca a falar em percentuais de reajuste. Muitas empresas terão de absorver o aumento de custos, sem repassá-lo ao consumidor, por conta da concorrência e da queda no consumo.

• **CÂMBIO:** Troca da moeda de um país pela moeda de outro. No Brasil, os mercados oficiais de câmbio permitem a troca de reais por dólares, e vice-versa.

• **DÓLAR COMERCIAL:** Nome pelo qual é conhecido o mercado no qual se compra dólares, para o pagamento de importações; e reais, para a entrada do dinheiro arrecadado com exportações.

• **FLUTUANTE:** Nome do mercado pelo qual brasileiros não residentes no país movimentam contas em dólares. É por onde escapa o dinheiro de brasileiros assustados com a crise.

• **PARALELO:** Mercado extra-oficial, fora do alcance da fiscalização do Banco Central. Usado por pessoas físicas e por empresas que querem esconder seu caixa da Receita Federal.

ção Brasileira da Indústria Farmacêutica (Abifarma), José Eduardo Bandeira de Mello, disse que o consumo está baixo, o que inibe repasse imediato de preços:

— Se não há demanda, não há aumento.

Já os preços do alumínio tendem a subir para acompanhar a cotação internacional, segundo o presidente da Associação Brasileira do Alumínio (Abal), Adjarna Azevedo. O reajuste é automático e só deixará de existir se não houver demanda. ■